

Capitalismo Stakeholder



**UMA ECONOMIA GLOBAL
que Trabalha para o Progresso,
as Pessoas e o Planeta**

KLAUS SCHWAB

COM PETER VANHAM



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2022

Sumário



<i>Sobre os Autores</i>	<i>xvii</i>
<i>Prefácio</i>	<i>xix</i>
PARTE I	
O MUNDO EM QUE CRESCI	
1. 75 Anos de Crescimento e Desenvolvimento Global	3
2. A Maldição de Kuznets: Os Problemas da Economia Mundial Hoje	23
3. A Ascensão da Ásia	59
4. Sociedades Divididas	81
PARTE II	
MOTORES DE PROGRESSO E PROBLEMAS	
5. Globalização	101
6. Tecnologia	125
7. As Pessoas e o Planeta	159
PARTE III	
CAPITALISMO STAKEHOLDER	
8. Conceito	185
9. Empresas	215
10. Comunidades	239
<i>Conclusão: O Caminho para o Capitalismo Stakeholder</i>	<i>269</i>
<i>Índice</i>	<i>275</i>

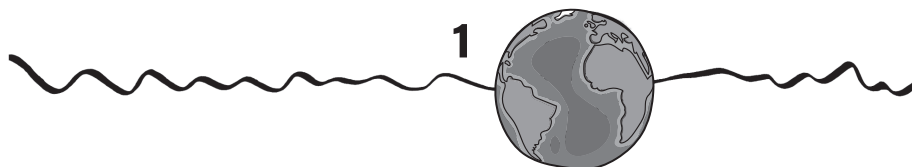
PARTE I

O MUNDO EM QUE CRESCI



AMOSTRA

AMOSTRA



75 Anos de Crescimento e Desenvolvimento Global

Nos 75 anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, houve um surto de desenvolvimento econômico global. Mas, apesar disso, o mundo está vivendo duas realidades antagônicas.

Por um lado, raramente estivemos tão bem como estamos hoje em dia. Vivemos num tempo de relativa paz e riqueza absoluta. Comparado com gerações passadas, muitos de nós vivemos vidas longas e, na maior parte, saudáveis. Nossas crianças podem ir à escola, muitas vezes até a faculdade, e computadores, celulares e outros dispositivos tecnológicos nos conectam ao mundo. Mesmo há uma ou duas gerações, nossos pais e avós poderiam apenas sonhar com o estilo de vida que muitos de nós temos hoje e os luxos que vêm com a energia abundante, os avanços na tecnologia e o comércio global.

Por outro lado, nosso mundo e a sociedade civil são castigados pela desigualdade insana e por uma insustentabilidade perigosa. A crise de saúde pública da Covid-19 é apenas um evento que demonstra que nem todo mundo recebe as mesmas chances na vida. Aqueles com mais dinheiro, conexões melhores ou CEPs mais impressionantes foram afetados pela Covid a níveis muito menores; tinham mais possibilidades de trabalhar de casa, sair de áreas de população densa e conseguir melhor cuidado médico caso fossem infectados. Essa é a continuação de um padrão que se tornou bastante co-

nhecido em muitas sociedades. Os pobres são afetados consistentemente por crises globais, enquanto os ricos podem superar a crise com facilidade.

Para entender como chegamos até aqui — e como podemos sair dessa situação —, precisamos voltar no tempo, às origens de nosso sistema econômico global. Precisamos rever as imagens do desenvolvimento econômico pós-guerra e observar seus marcos históricos. O ponto inicial lógico é o “Ano Zero” para a economia do mundo moderno: 1945. E talvez não exista melhor lugar a partir do qual contar essa história do que a Alemanha, para quem aquele ano foi verdadeiramente um novo começo.

Fundações da Ordem Econômica Global do Pós-Guerra

Crianças como eu, que começaram a escola primária na Alemanha em 1945, eram jovens demais para entender por que o país em que viviam havia passado por uma guerra antes ou por que os próximos anos se transformariam de modo tão significativo. Mas entendíamos bem que o conflito futuro precisava ser evitado a todo custo. Assim, nos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, “Nie Wieder Krieg”, ou “Guerra Nunca Mais”, tornou-se um grito de guerra pela Alemanha. As pessoas estavam cansadas de conflito. Queriam reconstruir suas vidas em paz e trabalhar juntas rumo a uma melhor qualidade de vida.

Isso não aconteceria facilmente nem na Alemanha nem em lugar nenhum. Quando a Segunda Guerra Mundial chegou ao fim, o país estava em ruínas. Quase um quinto dos prédios históricos nas principais cidades da Alemanha permanecia de pé. Milhões de lares haviam sido destruídos. Suábia, a região do Sudoeste da Alemanha onde cresci, não era exceção. Em sua cidade mais industrializada, Friedrichshafen, quase todas as fábricas foram derrubadas por completo. Isso incluía as fábricas de Maybach e Zeppelin, dois fabricantes legendários de carros e aeronaves cuja capacidade de produção havia sido utilizada pelo governo nazista com propósitos militares durante a guerra.

Uma de minhas memórias mais antigas é a de observar, no telhado da casa de meus pais, apenas a 18km de distância de Friedrichshafen, os incêndios que levaram à destruição de Friedrichshafen. Rezávamos para que o ataque não atingisse também nossa cidade natal, e por sorte isso não aconteceu, mas setecentas pessoas morreram apenas no último ataque a Friedrichshafen. Eu lembro como meus pais choraram quando ouviram a

notícia, conhecendo pessoalmente muitos dessa cidade vizinha. No final da guerra, apenas um quarto dos 28 mil habitantes originais de Friedrichshafen permaneceram.¹ O resto havia fugido, desaparecido ou morrido.

Ravensburg, onde eu morava, foi uma das raras cidades poupadas pelo bombardeio dos Aliados, um destino que provavelmente se deu por causa da falta de capacidade militar-industrial. Mas as consequências da guerra estavam por toda parte. No fim da guerra, enquanto o exército francês dos Aliados se movimentava, Ravensburg havia se tornado um grande abrigo para refugiados internos, trabalhadores forçados, prisioneiros de guerra e soldados feridos.² O caos na cidade era completo. O único lado positivo na meia-noite de 8 de maio de 1945 era o fato de que a guerra havia acabado de verdade. Na Alemanha, nós passamos a marcar esse momento como o “Stunde Null” ou “Hora Zero”. Historiadores como Ian Buruma mais tarde se refeririam ao ano que se seguiu como o “Ano Zero”.³ A economia da Alemanha era uma terra arrasada, e poderia apenas ter a esperança de começar de novo, com uma página em branco.

Os outros poderes do Eixo, Itália e Japão, enfrentaram desafios similares. A capacidade produtiva das nações do Eixo havia sido dizimada. Turim, Milão, Gênova e outras cidades italianas haviam sofrido bombardeios extensivos, e Hiroshima e Nagasaki viram uma devastação sem paralelos por bombas atômicas. Outros países europeus também estavam atordoados e passaram por um período inicial de caos. Mais ao leste, China e boa parte do Sudeste Asiático estavam atolados em conflitos internos. Economias na África, no Oriente Médio e no Sul da Ásia ainda estavam acorrentadas ao domínio colonial. A União Soviética havia sofrido perdas enormes durante a Segunda Guerra Mundial. Apenas as economias das Américas, lideradas pelos Estados Unidos, haviam atravessado a guerra em grande parte incólumes.

Portanto, cabia a Washington e Moscou liderar a era pós-guerra, cada qual em sua esfera de influência. Na Suábia, então parte da Alemanha ocupada pelos Aliados, o futuro dependia em grande parte das escolhas que os Estados Unidos fariam.

¹ “70 Jahre Kriegsende”, Anton Fuchsloch, *Schwäbische Zeitung*, maio de 2015, (em alemão) <http://stories.schwaebische.de/kriegsende#10309>.

² “Wie der Krieg in Ravensburg aufhört”, Anton Fuchsloch, *Schwäbische Zeitung*, maio de 2015, (em alemão) <http://stories.schwaebische.de/kriegsende#11261>.

³ *Ano Zero: Uma história de 1945*, Ian Buruma, Companhia das Letras, 2015.

Os Estados Unidos enfrentavam um ato de equilíbrio difícil. Estavam determinados a não repetir os erros do Tratado de Versalhes, que acabou com a Primeira Guerra Mundial. Assinado em 1919, o Tratado de Versalhes sobrecarregou os Poderes Centrais derrotados (Alemanha, Áustria-Hungria, o Império Otomano e a Bulgária) com uma carga de dívida insuportável. Isso cerceou seu desenvolvimento econômico e levou a uma recuperação econômica errática, que plantou as sementes para a Segunda Guerra Mundial.

Depois da Segunda Guerra Mundial, Washington fez outra abordagem. Queria reviver as economias europeias que residiam dentro de sua esfera de influência, incluindo as partes da Alemanha sob ocupação britânica, francesa e norte-americana. Os Estados Unidos queriam promover o comércio, a integração e a cooperação política. Ainda em 1944, os Estados Unidos e seus aliados haviam criado instituições econômicas como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (agora parte do Banco Mundial).⁴ Ao longo das décadas que se seguiram, eles continuaram seus esforços para desenvolver um sistema econômico estável e em crescimento na Alemanha Ocidental e por todo o Oeste Europeu.

A partir de 1948, os Estados Unidos e o Canadá também forneceram ajuda regional específica. Por meio do Plano Marshall, cujo nome homenageava o então secretário de Estado norte-americano George Marshall, os Estados Unidos ajudaram os países do Oeste Europeu (incluindo a Alemanha e a Itália) a comprar produtos norte-americanos e reconstruir suas indústrias. Fornecer ajuda a antigos poderes do Eixo foi uma decisão controversa, mas tida como necessária, porque sem o motor industrial alemão não haveria uma Europa industrial forte. (A Organização para a Cooperação Econômica Europeia, OCEC, a precursora da OCDE, foi uma importante administradora do programa.)

Os Estados Unidos não limitaram seus esforços para ajudar. Também encorajaram o comércio ao estabelecer mercados europeus para o carvão, o aço e outras commodities. Isso levou à criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, a forma embrionária do que hoje é a União Europeia. Na Ásia, os Estados Unidos também forneceram ajuda e crédito a países como Japão, China, República da Coreia e Filipinas. Já a União Soviética expandia sua esfera de influência em outras regiões, promovendo um modelo econômico baseado na economia planificada e na produção controlada pelo Estado.

⁴ Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Eurostat, <https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/pdfscache/1488.pdf>.

Governos locais, indústrias e trabalhadores também exerceram um papel nos esforços de reconstrução. Por exemplo, em 1947, a Fundação Zeppelin transferiu quase todos os seus ativos para a cidade de Friedrichshafen⁵, na esperança de retomar um futuro próspero para as empresas Zeppelin e seus trabalhadores. Ao mesmo tempo, os cidadãos de Friedrichshafen trabalharam por dias longos até reconstruírem suas casas. Mulheres tiveram um papel especial nessa reconstrução e em boa parte do trabalho inicial de restauração. A revista alemã *Der Spiegel* recordou posteriormente: “Com tantos homens mortos na guerra, os Aliados dependeram das mulheres para fazer o trabalho pesado de limpeza.”⁶

Assim como um quebra-cabeças requer que cada peça seja colocada no lugar certo para criar uma imagem completa, o trabalho de restauração requer que cada recurso seja implantado e cada esforço humano seja mobilizado. Era uma tarefa que a sociedade inteira se comprometera a fazer. Um dos maiores e mais bem-sucedidos fabricantes em Ravensburg era uma empresa familiar que, por fim, mudou seu nome para Ravensburger.⁷ Ela retomou a produção de quebra-cabeças e livros infantis, um negócio que continua até os dias de hoje. E em Friedrichshafen, ZF, uma subsidiária da Fundação Zeppelin, reemergiu como uma fabricante de peças automotivas. Empresas como essas, muitas da famosa *Mittelstand* alemã, ou seja, as médias e pequenas empresas que foram a espinha dorsal da economia alemã, tiveram um papel crucial na transformação econômica do pós-guerra.

Os Gloriosos Trinta Anos no Ocidente

Para muitas pessoas vivendo na Europa — eu incluso —, o alívio do fim da guerra logo deu lugar ao medo de uma nova guerra. A abordagem do livre mercado na Alemanha Ocidental ocupada pelos Estados Unidos e o resto do Oeste Europeu entrava em conflito com o modelo de economia planificada da União Soviética, que dominou a Alemanha Oriental e o resto do Leste Europeu. Qual prevaleceria? A coexistência pacífica era possível ou as coisas terminariam em conflito direto? Apenas o tempo nos daria as respostas.

⁵ Friedrichshafen, “History of the Zeppelin Foundation”, <https://en.friedrichshafen.de/citizenship/zeppelin-foundation/history-of-the-zeppelin-foundation/>.

⁶ “A Century-Long Project”, *Der Spiegel*, outubro de 2010, <https://www.spiegel.de/fotostrecke/photo-gallery-a-century-long-project-fotostrecke-56372-5.html>.

⁷ A empresa foi fundada como Otto Maier Verlag e mais tarde mudou seu nome para Ravensburger.

Na época, os resultados não estavam claros nem para nós nem para mais ninguém. Essa era uma batalha de ideologias, sistemas econômicos e hegemonia geopolítica. Durante décadas, ambos os poderes entrincheiraram suas posições e sistemas em competição. Ásia, África e América Latina viram a mesma batalha ideológica se desenrolar entre o capitalismo e o comunismo.

Com o benefício da retrospectiva, sabemos que as instituições econômicas criadas pelos Estados Unidos, baseadas no capitalismo e nos mercados livres, eram tijolos de uma era de prosperidade econômica compartilhada sem paralelos. Combinados com a vontade de muitas pessoas de reconstruir, eles prepararam o terreno para décadas de progresso econômico e domínio econômico do Ocidente sobre o “resto”. O modelo soviético de economia planificada inicialmente deu frutos também, proporcionando prosperidade em um primeiro momento, mas viria a colapsar depois.

Além das mudanças econômicas, outros fatores moldaram nossa era moderna. Muitas partes do mundo, incluindo os Estados Unidos e a Europa, tiveram um *baby boom*. Trabalhadores foram afastados das demandas niilistas da produção em tempos de guerra para o trabalho socialmente produtivo durante tempos de paz. A atividade industrial e a educação se expandiram. A liderança de chefes de governo como Konrad Adenauer na Alemanha ou Yoshida Shigeru no Japão também foi uma peça crucial do quebra-cabeça. Eles comprometeram a si mesmos e a seus governos a reconstruir suas economias e sociedades de modo inclusivo e a desenvolver relações fortes com os Aliados, mirando em uma paz sustentável, em vez de ceder à busca por vingança que havia dominado após a Primeira Guerra Mundial. Dado o foco nacional em comunidade e reconstrução econômica, houve um aumento na coesão social (discutido mais profundamente no Capítulo 4).

Entre 1945 e o começo dos anos 1970, esses fatores se uniram para impelir um *Wirtschaftswunder*, ou milagre econômico, na Alemanha e no resto da Europa. Um *boom* similar começou nos Estados Unidos, no Japão e na Coreia do Sul (e, inicialmente, na União Soviética). O Ocidente entrou na sua era de ouro do capitalismo, e as inovações da Segunda Revolução Industrial foram implementadas amplamente: estradas para transporte de caminhões e carros foram construídas em massa, a era do voo comercial havia chegado, e navios porta-contêineres encheram as rotas marítimas do mundo.

Na Suábia, novas tecnologias também foram implementadas na onda desse milagre econômico. As vendas da Ravensburger, por exemplo, triplicaram nos anos 1950, deflagrando a fase de produção industrial em massa

que começou em 1962. Jogos de tabuleiro para famílias, como o Rheinreise [em português, “Jornada no Reno”], se tornaram muito populares⁸ conforme as crianças do *baby boom* cresciam. A Ravensburger expandiu mais ainda nos anos 1960,⁹ quando a empresa acrescentou quebra-cabeças à sua linha de produtos. (O logo da marca, um triângulo azul no canto de suas caixas, se tornou icônico.) Em torno do mesmo período, ZF Friedrichshafen ressurgiu nos anos 1950 como fabricante de transmissões automotivas, complementando a sua seleção com transmissões automáticas em meados dos anos 1960.¹⁰ Ela ajudou a levar fabricantes alemães de carros como BMW, Audi, Mercedes e Porsche ao topo, em uma época em que a indústria europeia de carros estava em efervescência. (O sucesso da ZF dura até os dias de hoje; em 2019, a empresa declarou receitas globais ultrapassando os US\$40 bilhões, tendo quase 150 mil empregados em vários países e operações em mais de 40 países em todo o mundo.)

Observando indicadores econômicos nas maiores economias do mundo, parecia, no entanto, que todos estavam ganhando. O crescimento econômico anual tinha uma média de 5%, 6% e até 7%. O Produto Interno Bruto (PIB) é o valor monetário dos bens e serviços produzidos em uma dada economia. Comumente utilizado para medir a atividade econômica de um país, ele dobrou, triplicou e até quadruplicou em algumas economias ocidentais ao longo das duas décadas seguintes. Mais pessoas estudaram no ensino médio e obtiveram empregos de classe média, e muitos *baby boomers* se tornaram os primeiros em suas famílias a ir à faculdade e a subir a escada socioeconômica.

Para as mulheres, subir essa escada teve uma dimensão a mais. A princípio devagar, e depois em um ritmo estável, a emancipação avançou no Ocidente. Mais mulheres foram à universidade, entraram e permaneceram na força de trabalho, e tomaram mais decisões conscientes sobre o equilíbrio entre vida e trabalho. A economia efervescente tinha bastante espaço para elas, que também eram apoiadas por avanços nas medidas anticoncepcionais, pela acessibilidade crescente a eletrodomésticos e, é claro, pelo movimento de emancipação. Nos Estados Unidos, por exemplo, a participação da força de trabalho feminina saltou de 15% entre 1950 e 1970, para 28% a

⁸ Entrevista da empresa com Heinrich Huentelmann e Tristan Schwennsen, agosto de 2019.

⁹ Ravensburger, “About Ravensburger”, <https://www.ravensburger-gruppe.de/en/aboutravensburger/company-history/index.html#1952-1979>.

¹⁰ Heritage, ZF, https://www.zf.com/mobile/en/company/heritage_zf/heritage.html.

43%.¹¹ Na Alemanha, a porcentagem de estudantes mulheres na universidade cresceu de 12% em 1948 a 32% em 1972.¹²

Na empresa Ravensburger, as mulheres também passaram para a linha de frente. Já em 1952, Dorothee Hess-Maier, neta do fundador, tornou-se a primeira mulher à frente da empresa, ao lado de seu primo Otto Julius. Foi um exemplo de uma tendência mais ampla. A emancipação das mulheres nas sociedades ocidentais continuou pelo resto do século e ao longo do século XXI. No ano de 2021, há mais mulheres do que homens inscritos na universidade em muitos países, incluindo os Estados Unidos e a Arábia Saudita¹³(!), e mulheres formam quase metade da força de trabalho em muitos países. Apesar disso, as desigualdades relacionadas a salários e outros fatores permanecem.¹⁴

Ao longo daquelas primeiras décadas do início do pós-guerra, muitos países utilizaram sua sorte econômica inesperada para construir as fundações de uma economia de mercado social. No Oeste Europeu, particularmente, o Estado ofereceu benefícios para desempregados, pensões alimentícias e de educação, sistema de saúde universal e aposentadorias. Nos Estados Unidos, políticas sociais estavam menos em voga do que na Europa, mas, graças ao rápido crescimento econômico, mais pessoas do que nunca ascenderam à classe média, e programas de segurança social cresceram no número de beneficiários e nos fundos em geral alocados a eles, especialmente nas duas décadas entre 1950 e 1970.¹⁵ A média dos salários cresceu nitidamente, e a pobreza caiu.

França, Alemanha, os países da Benelux e os países escandinavos também promoveram acordos coletivos de trabalho. Na maioria das empresas alemãs, por exemplo, o Works Council Act de 1952 determinou que um terço dos membros do conselho fiscal deveria ser selecionado pelos trabalhadores. Uma exceção foi concedida a empresas controladas por famílias, pois os

¹¹ “Working women: Key facts and trends in female labour force participation”, Our World in Data, <https://ourworldindata.org/female-labor-force-participation-key-facts>.

¹² Kompetenzzentrum Frauen in Wissenschaft und Forschung, “Entwicklung des Studentinnenanteils in Deutschland seit 1908”, <https://www.gesis.org/cews/unser-angebot/informationsangebote/statistiken/thematische-suche/detailanzeige/article/entwicklung-desstudentinnenanteils-in-deutschland-seit-1908/>.

¹³ School Enrollment, Tertiary, Saudi Arabia, World Bank, 2018, <https://data.worldbank.org/indicator/SE.TER.ENRR?locations=SA>.

¹⁴ Global Gender Gap Report 2018, <http://reports.weforum.org/global-gender-gap-report-2018/key-findings/>.

¹⁵ “Historical Background and Development Of Social Security”, Social Security Administration, <https://www.ssa.gov/history/briefhistory3.html>.

laços entre a comunidade e a gerência eram tipicamente fortes, e o conflito social era mais raro.

Como cresci naquela era de ouro, desenvolvi um grande apreço pelo papel iluminado que os Estados Unidos haviam exercido no meu país e no resto da Europa. Fui convencido de que a cooperação econômica e a integração política eram essenciais para construir sociedades prósperas e pacíficas. Estudei na Alemanha e na Suíça e passei a acreditar que as fronteiras entre as nações europeias desapareceriam algum dia. Nos anos 1960, tive até a oportunidade de estudar por um ano nos Estados Unidos e aprender mais sobre seus modelos econômicos e de gerenciamento. Foi uma experiência fundamental.

Como tantos de minha geração, também fui beneficiário da sociedade solidária de classe média que os países europeus haviam desenvolvido. Anteriormente, ficara muito intrigado com os papéis complementares que o negócio e o governo exerciam na formação do futuro de um país. Por esse motivo, foi natural escrever uma de minhas teses sobre o perfeito equilíbrio entre investimentos públicos e privados. Tendo trabalhado durante mais de um ano no chão de fábrica de empresas, experimentando a vida da classe trabalhadora, também desenvolvi um respeito especial pela contribuição dos trabalhadores para o desenvolvimento da riqueza econômica. Eu acreditava que empresas, como outros stakeholders na sociedade, tinham um papel a exercer em criar e sustentar uma prosperidade compartilhada. A melhor maneira de fazer isso, passei a pensar, era se as empresas adotassem um modelo stakeholder, no qual serviriam à sociedade além de servirem a seus shareholders.

Decidi transformar essa ideia em ação ao organizar um fórum de gerenciamento no qual líderes empresariais, representantes do governo e acadêmicos pudessem se encontrar. Davos, uma cidade montanhosa suíça, que em tempos vitorianos havia se tornado famosa por seu tratamento sanitário da tuberculose (antes da invenção de antibióticos como isoniazida e rifampicina¹⁶), oferecia uma localidade ideal para um tipo de aldeia global,¹⁷ pensei. No alto das montanhas, nessa cidade pitoresca conhecida por seu ar limpo, os participantes poderiam compartilhar boas práticas e novas ideias e informar uns aos outros sobre questões sociais, econômicas e ambientais urgentes e globais. Portanto, em 1971, organizei o pri-

¹⁶ Tratamento da tuberculose (em inglês), Clínica Mayo, <https://www.mayoclinic.org/diseases-conditions/tuberculosis/diagnosis-treatment/drc-20351256>.

¹⁷ O termo “aldeia global” foi cunhado pelo pensador canadense Marshall McLuhan nos anos 1960.

meiro encontro do Simpósio Europeu de Gestão (o precursor do Fórum Econômico Mundial) por lá, com convidados como o reitor da Harvard Business School, George Pierce Baker; a professora da Universidade de Columbia, Barbara Ward; o presidente da IBM, Jacques Maisonrouge; e vários membros da Comissão Europeia.¹⁸

Os Tumultuados Anos 1970 e 1980

Mas logo, no começo dos anos 1970, tornou-se claro que o milagre econômico não duraria. Enquanto nos reuníamos em Davos, rachaduras no sistema já haviam surgido. O *boom* do pós-guerra havia se estabilizado, e questões sociais, econômicas e ambientais estavam emergindo. Mas a minha esperança era a de que, ao aprender ativamente e mais sobre práticas norte-americanas de gestão bem-sucedidas, empresários, políticos e acadêmicos europeus poderiam continuar a impulsionar a prosperidade no continente.

Muitas empresas europeias de fato deram um passo em direção a mercados internacionais vizinhos. A Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), a qual, como o nome sugere, focava um mercado em comum para alguns recursos essenciais, havia evoluído nos anos precedentes para se tornar a mais abrangente Comunidade Econômica Europeia (CEE). Ela permitiu um comércio mais livre de bens e serviços através do continente. Muitas empresas *Mittelstand* utilizaram essa abertura para estabelecer subsidiárias e começar a vender em países vizinhos da CEE. Foi, em parte, graças a esse aumento no comércio intrarregional que o crescimento pôde continuar nos anos 1970.

Mas algumas variáveis econômicas com um efeito crítico sobre o crescimento, o emprego e a inflação, como o preço da energia, não eram favoráveis. O petróleo, que junto ao carvão havia abastecido o *boom* do pós-guerra, trouxe um choque inicial ao sistema. O preço da fonte de energia mais importante do mundo subiu quatro vezes em 1973 e então dobrou em 1979, enquanto os maiores países produtores e exportadores de petróleo (OPEP) — muitos dos quais eram ex-colônias árabes e do Oriente Médio, que pertenceram aos poderes europeus — mostravam força. Controlando a grande maioria do fornecimento global de petróleo na época, os países da OPEP decidiram implementar um embargo de petróleo em resposta à Guerra do Yom Kippur. Durante essa guerra, muitos dos membros árabes da OPEP se

¹⁸ “The World Economic Forum, a Partner in Shaping History, 1971–2020”, p. 16, http://www3.weforum.org/docs/WEF_A_Partner_in_Shaping_History.pdf.

opunham a Israel, que durante e depois do conflito armado expandiu seu território na região. O embargo, mirando nos aliados ocidentais de Israel, incluindo os EUA e o Reino Unido, foi muito eficaz.

Talvez não tenha sido uma surpresa o fato de que os países da OPEP usaram seu recém-obtido poder de mercado. Nas duas décadas anteriores, muitos dos seus membros — normalmente ex-colônias europeias na Ásia, no Oriente Médio e na África — haviam finalmente conquistado a própria independência. Mas, diferentemente da maioria dos países ocidentais naquela época, esses países em desenvolvimento costumavam estar consumidos por turbulências sociais e políticas. O *boom* econômico na Europa e nos Estados Unidos permaneceu fora de alcance para muitos países recém-independentes na Ásia, no Oriente Médio e na África. As nações da OPEP estavam entre as poucas exceções, pois o seu recurso mais importante, petróleo, abastecia a economia do mundo.

Embora o progresso industrial e econômico tenha sido tão grande no Ocidente ao longo das últimas três décadas, algumas pessoas também avisaram que a expansão era insustentável, e que seria necessário um novo sistema econômico mais sustentável para o planeta, para os seus recursos naturais limitados e, por fim, para os próprios humanos. Entre essas vozes estavam as de cientistas europeus e industriais do Clube de Roma, que passaram a acreditar que o estado do mundo e, principalmente, a degradação ambiental do planeta eram um problema central para a sociedade humana. Existiam, de fato, grandes sinais de aviso para qualquer um que prestasse atenção, e nos encontros do Fórum em Davos nós prestamos muita atenção. Em 1973, Aurelio Peccei, o presidente do clube, apresentou uma palestra principal em Davos sobre as descobertas de sua organização, alertando para o final iminente do crescimento.

Ainda assim, depois de sobreviver a múltiplas recessões e introduzir algumas medidas de economia de energia como o horário de verão e domingos livres de carros, o mundo retornou ao seu caminho familiar de crescimento nos anos 1980. Os dias de 5% e 6% de crescimento do PIB ficaram para trás (pelo menos, no Ocidente), mas níveis de crescimento de 3% a 4% não eram totalmente fora do comum. Outras economias, incluindo os Tigres Asiáticos (Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong e Singapura) ajudaram a compensar pelo deficit.

Mas, já nos anos 1980, começava a emergir uma mudança fundamental na perspectiva sobre o que havia permitido o crescimento econômico do pós-guerra. Durante os primeiros anos do pós-guerra, acreditava-se que a

prosperidade econômica crescente era algo para o qual todo o mundo havia contribuído, e, portanto, deveria ser compartilhado entre todos. Era um modelo industrial de progresso construído em parceria entre os donos de empresas e suas forças de trabalho. Em contraste, a fase de crescimento nos anos 1980 foi mais baseada no fundamentalismo de mercado e no individualismo, e menos na intervenção do Estado ou na construção de um contrato social.

Acho que isso foi um erro. O modelo stakeholder requer que empresas pensem além dos seus interesses primários diretos e incluam as preocupações de seus empregados e de suas comunidades na tomada de decisões. Nos primeiros anos de nossos encontros em Davos, os participantes haviam até mesmo se comprometido com esses princípios neste “Manifesto de Davos”.¹⁹

O MANIFESTO DE DAVOS DE 1973

A. *O propósito da gestão profissional é o de atender clientes, shareholders, trabalhadores e empregados, assim como atender as sociedades, e harmonizar os diferentes interesses dos stakeholders.*

B.

1. *A gestão precisa atender seus clientes. Precisa satisfazer as necessidades de seus clientes e dar a eles o melhor valor. A competição entre empresas é o caminho comum e aceito para garantir que os clientes recebam a escolha de melhor valor. O objetivo da gestão é traduzir novas ideias e progresso tecnológico em serviços e produtos comerciais.*
2. *A gestão precisa atender seus investidores ao fornecer um retorno nos investimentos maior do que o retorno em títulos do governo. Esse retorno maior é necessário para integrar um prêmio de risco nos custos do capital. A gestão é a administradora dos shareholders.*
3. *A gestão precisa atender seus empregados porque, em uma sociedade livre, a liderança deve integrar os interesses daqueles que são liderados. Em particular, a gestão precisa garantir a estabilidade dos empregados, a melhora da renda real e a humanização do espaço de trabalho.*
4. *A gestão precisa atender a sociedade. Deve assumir o papel de administradora do universo material para as gerações futuras. Precisa*

¹⁹ O Manifesto de Davos (em inglês), 1973, Fórum Econômico Mundial, <https://www.weforum.org/agenda/2019/12/davos-manifesto-1973-a-code-of-ethics-for-business-leaders/>.

usar os recursos materiais e imateriais à disposição do modo mais adequado. Precisa expandir continuamente as fronteiras do conhecimento em gestão e tecnologia. Precisa garantir que seu empreendimento pague impostos apropriados à comunidade para permitir que a comunidade realize seus objetivos. A gestão também precisa disponibilizar o seu próprio conhecimento e experiência para a comunidade.

- C. *A gestão pode atingir os objetivos anteriores mediante o empreendimento econômico pelo qual ela é responsável. Por esse motivo, é importante garantir a existência em longo prazo do empreendimento. A existência em longo prazo não pode ser garantida sem lucratividade suficiente. Portanto, lucratividade é o meio necessário para permitir que a gestão atenda seus clientes, shareholders, empregados e a sociedade.*

Mas apesar do entusiasmo inicial com o Manifesto de Davos e da abordagem focada no stakeholder que ele advogava, um paradigma mais estreito centrado no shareholder prevaleceu, especialmente nos Estados Unidos. Foi o paradigma desenvolvido pelo economista da Universidade de Chicago e vencedor do Prêmio Nobel Milton Friedman, a partir de 1970. Ele sustentava que a “única responsabilidade social de uma empresa é aumentar seus lucros”²⁰ e que mercados livres são o que mais importa. (Esse ponto é discutido mais a fundo no Capítulo 8.)

O resultado foi o crescimento desequilibrado. O crescimento econômico voltou nos anos 1980, mas uma parte cada vez menor da população se beneficiava dele, e ainda mais danos foram causados ao planeta para alcançá-lo. O número de membros em sindicatos começou a cair, e o acordo coletivo de trabalho se tornou menos comum (apesar de boa parte da Europa continental, incluindo Alemanha, França e Itália, agarrarem-se a isso até os anos 2000, e de alguns países, como a Bélgica, ainda o fazerem hoje). Políticas econômicas em duas das economias líderes do Ocidente — o Reino Unido e os Estados Unidos — eram voltadas em grande parte para a desregulação, liberalização e privatização, e uma crença de que a mão invisível guiaria os mercados ao seu estado ideal. Muitas outras economias ocidentais seguiram esse caminho mais tarde, em alguns casos depois de governos mais alinhados à esquerda terem falhado em deflagar o crescimento econômico. Em uma nota mais positiva, novas tecnologias também trouxeram contribui-

²⁰ “A Friedman Doctrine—The Social Responsibility of Business Is to Increase Its Profits”, Milton Friedman, *The New York Times*, setembro de 1970, <https://www.nytimes.com/1970/09/13/archives/a-friedman-doctrine-the-social-responsibility-of-business-is-to.html>.

ções, levando à Terceira Revolução Industrial. O computador pessoal foi inventado e se tornaria um dos componentes essenciais de toda organização.

Die Wende

Essas tendências não aconteceram isoladas. Conforme os anos 1980 progrediam, as economias do Leste Europeu começaram a entrar em colapso. Seu fracasso nesse ponto de transição industrial mostrou que o modelo de economia liderada pelo Estado, desenvolvido pela União Soviética, era menos resiliente do que o modelo baseado no mercado, promovido pelo Ocidente. Na China, o governo do novo líder Deng Xiaoping começou a própria Reforma e Abertura em 1979, introduzindo gradualmente políticas capitalistas e de mercado (ver Capítulo 3).

Em 1989, a Alemanha experimentou um momento de euforia, quando o Muro de Berlim, que separava o Leste do Oeste, caiu. Pouco tempo depois, a reunificação política da Alemanha foi enfim estabelecida. E em 1991, a União Soviética havia oficialmente se desintegrado. Muitas economias que residiam em sua esfera de influência, incluindo aquelas da Alemanha Oriental, os Bálticos, a Polônia, a Hungria e a Romênia, viraram-se em direção ao Ocidente e seu modelo capitalista de mercado livre. “O fim da história”, como Francis Fukuyama chamaria mais tarde,²¹ havia chegado, ao que parecia. A Europa recebeu outro impulso, dessa vez levando a uma integração política e econômica ainda mais profunda e ao estabelecimento de um mercado comum e união monetária, com o euro no ápice.

Em Davos, nós também sentimos os ventos da mudança. Se inicialmente o Simpósio Europeu de Gestão havia sido um local de encontro entre acadêmicos, legisladores e empresários norte-americanos e europeus, ao longo dos anos 1980 ele se tornou global. Os anos 1980 viram a inclusão de representantes da China, da Índia, do Oriente Médio e de outras regiões e uma agenda global compartilhada. Em 1987, uma mudança de nome havia se tornado necessária. Desde então, ficamos conhecidos como o Fórum Econômico Mundial. Era um nome adequado para a era de globalização que se seguiu.

²¹ “What Is Fukuyama Saying? And to Whom Is He Saying It?”, James Atlas, *The New York Times Magazine*, outubro de 1989, <https://www.nytimes.com/1989/10/22/magazine/what-is-fukuyama-saying-and-to-whom-is-he-saying-it.html>.

Globalização nos anos 1990 e 2000

De fato, após o colapso da União Soviética, as economias do mundo se tornaram mais entrelaçadas por mais de uma década. Países ao redor do mundo todo começaram a estabelecer acordos de livre comércio, e os motores do crescimento global eram mais variados do que nunca. A importância relativa da Europa diminuiu, e os chamados mercados emergentes, como a Coreia do Sul e Singapura, mas também mercados maiores como Brasil, Rússia, Índia, África do Sul e, claro, China, ganharam destaque. (Não há uma definição formal de mercados emergentes, por ser uma classificação feita por instituições financeiras privadas e particulares. Mas um traço comum compartilhado entre elas é o fato de serem economias não ocidentais que costumam ter ou já tiveram taxas de crescimento maiores do que a média durante alguns anos, o que poderia contribuir para que ganhassem ou recobrassem o status de economia desenvolvida ao longo do tempo.)

Desse modo, a globalização — um processo de interdependência crescente entre as economias do mundo, sinalizado pelo fluxo em elevação de bens, serviços, pessoas e capital — tornou-se uma força econômica dominante. A globalização do comércio, medida pelo comércio internacional como uma porcentagem do PIB global, alcançou o seu maior nível já visto — 15% — em 2001, crescendo 4% acima do seu ponto mais baixo no Ano Zero de 1945.

As empresas proeminentes da Suábia também surfaram nessa onda de globalização. “A China estava no topo da agenda da ZF”, Siegfried Goll, então um proeminente gerente da ZF, testemunhou ao escrever a história da empresa.²² “O desenvolvimento de nossas relações empresariais já havia começado nos anos 1980, inicialmente por meio de contratos de licença. Quando eu me aposentei, em 2006, tínhamos mais de vinte locais de produção na China.” De acordo com os próprios registros da empresa, “a primeira joint venture foi estabelecida em 1993”, e em 1998, “a posição da ZF na China estava tão bem consolidada que a primeira fundação de uma subsidiária completamente chinesa foi possível: ZF Driveteck Co. Ltd. em Suzhou”.

Para alguns, porém, essa globalização era demais, e excessivamente rápida. Em 1997, várias economias emergentes asiáticas experimentaram uma crise financeira grave, causada em grande parte pela globalização financeira desenfreada, ou o fluxo de *hot money*, o dinheiro de investidores internacionais que flui facilmente de um país a outro, em busca de retornos, controles frouxos de capital e especulação de títulos. Ao mesmo tempo, no

²² “Pioneers in China”, ZF Heritage, 1993, zf.com/mobile/en/company/heritage_zf/heritage.html.

Ocidente, quando empresas multinacionais começaram a ter mais controle sobre economias nacionais, um movimento antiglobalização se estabeleceu.

Nem a Ravensburger escapou da repercussão. Em 1997, a gestão da empresa anunciou que desejava “introduzir um ‘pacto pela salvaguarda de locais de produção’, como uma ‘iniciativa preventiva para a manutenção da competitividade nacional e internacional’”, o Observatório Europeu da Vida Profissional escreveu sobre o tópico em um estudo de caso.²³ O resultado foi o chamado Pacto de Ravensburger, no qual a empresa oferecia estabilidade de emprego aos funcionários em troca de concessões.

Apesar de o pacto ser aceito pela maioria dos trabalhadores, ele também levou a uma deterioração nas relações empregador-empregado. O sindicato da indústria argumentou ter ido contra acordos coletivos de trabalho para o setor e que eles eram desnecessários, pois a empresa tinha uma boa performance econômica. No fim das contas, o pacto, muito contestado, fez todas as partes reconsiderarem seu relacionamento umas com as outras. O sindicato, que era tipicamente fraco no empreendimento familiar, se fortaleceu, e a gestão assumiu dali em diante uma abordagem mais construtiva com sua Comissão de Trabalhadores.

Na Alemanha, estresses sociais e corporativos similares em torno do crescimento econômico, emprego e integração dos antigos estados da Alemanha Oriental acabaram levando a um novo pacto social no começo dos anos 2000, com novas leis sobre codeterminação, “miniempregos” e seguro-desemprego. Mas o novo equilíbrio era, para alguns, menos benéfico do que o anterior, e mesmo que a Alemanha tenha voltado depois a um período de alto crescimento econômico, a situação logo se tornou mais precária para muitas outras economias avançadas.

Um primeiro sinal de aviso veio do estouro da bolha da internet no fim de 2000 e começo de 2001, quando as ações de tecnologia dos Estados Unidos despencaram. Mas o choque maior para a sociedade norte-americana e o sistema econômico internacional veio mais tarde, em 2001. Em setembro daquele ano, os Estados Unidos enfrentaram o maior ataque em seu próprio solo desde Pearl Harbor, na Segunda Guerra Mundial: os ataques terroristas do 11 de Setembro. Prédios que representavam os corações econômico e militar dos Estados Unidos foram atingidos: as Torres Gêmeas em Manhattan e o Pentágono em Washington, D.C.

²³ Eurofound, “Pacts for Employment and Competitiveness: Ravensburger AG,” Thorsten Schulten, Hartmut Seifert, e Stefan Zagelmeyer, abril de 2015, <https://www.eurofound.europa.eu/es/observatories/eurwork/case-studies/pecs/pacts-for-employment-and-competitiveness-ravensburger-ag-0>.

Eu estava em Nova York naquele dia, em uma visita de trabalho às Nações Unidas, e, como todos por lá, fiquei devastado. Milhares de pessoas morreram. Os Estados Unidos pararam. Como sinal de solidariedade, no janeiro seguinte organizamos nosso Encontro Anual do Fórum Econômico Mundial em Nova York — o primeiro realizado fora de Davos. Após o estouro da bolha da internet e do 11 de Setembro, as economias ocidentais entraram em recessão. Por um tempo, o caminho do crescimento econômico por meio do comércio e dos avanços na tecnologia ficou incerto.

Mas as sementes de mais um *boost* econômico já haviam sido plantadas. Como exemplificado pela presença crescente da ZF por lá, a China, o maior país do mundo em população, havia se tornado uma das economias que crescia mais rápido depois de vinte anos de reforma e abertura, e em 2001 passou a integrar a Organização Mundial do Comércio. O que outros países haviam perdido em *momentum* econômico, a China ganhou e ultrapassou. O país se tornou a “fábrica do mundo”, tirou centenas de milhares de seus próprios cidadãos da pobreza, e no seu auge tornou-se responsável por mais de um terço do crescimento econômico global. No mesmo caminho, produtores de commodities da América Latina ao Oriente Médio e à África se beneficiaram também, assim como os consumidores ocidentais.

Enquanto isso, nas ruínas do estouro da bolha da internet, novas e sobreviventes empresas de tecnologia começaram a assentar o início de uma Quarta Revolução Industrial. Tecnologias como a Internet das Coisas vieram à tona, e o machine learning — agora apelidado de “inteligência artificial” — teve um renascimento e ganhou força rapidamente. Comércio e tecnologia, em outras palavras, eram mais uma vez os motores gêmeos do crescimento econômico global. Em 2007, a globalização e o PIB global haviam alcançado novos picos. Mas era o último grito da globalização.

O Colapso de um Sistema

A partir de 2007, a economia global começou a mudar para pior. As maiores economias do mundo viram seus motores de crescimento falharem. Os Estados Unidos foram os primeiros, com uma crise financeira e imobiliária transformando-se em uma Grande Recessão, que durou vários trimestres. Em seguida veio a Europa, com uma crise de dívidas que começou em 2009 e durou vários anos. A maioria das outras economias globais foi atingida, com uma recessão global em 2009 e crescimento econômico real que flutuava entre 2% e 3% na década seguinte. (Especificamente, entre uma baixa

de 2,5% em 2011 e 2019 e uma alta de 3,3% em 2017, de acordo com o Banco Mundial.²⁴)

O crescimento lento agora parece o novo normal, enquanto o motor de todo crescimento econômico, ganhos de produtividade, está em falta. Muitas pessoas no Ocidente estão presas a empregos inseguros que pagam pouco, sem horizonte de progresso. Além disso, o FMI já havia apontado muito antes da crise da Covid que o mundo havia alcançado níveis insustentáveis de dívida.²⁵ Em 2020, a dívida pública, que já havia se elevado nas crises dos anos 1970, alcançava mais uma vez níveis recordes, ou próximos a isso, em muitos países. De acordo com o monitor fiscal de 2020 do FMI, a dívida pública em economias avançadas alcançava mais de 120% do PIB no início da crise da Covid, um aumento de mais de 15% em um único ano, e em economias emergentes disparou para até mais de 60% do PIB (de pouco mais de 50% em 2019).²⁶

Por fim, cada vez mais pessoas estão questionando até mesmo a utilidade de se perseguir o crescimento como um indicador de progresso. De acordo com o Global Footprint Network,²⁷ o ano de 1969 foi a última vez em que a economia global não “gastou além” dos recursos naturais do planeta. Cinquenta anos depois, nossas pegadas ecológicas são maiores do que nunca, enquanto usamos os recursos 1,75 vez a mais do que o mundo é capaz de reabastecê-los.

Todas essas tendências macroeconômicas, sociais e ambientais refletem-se nos efeitos adicionais de decisões tomadas por indivíduos, empresas e governos, tanto a nível local quanto nacional. E confrontam essas mesmas sociedades, que chegaram tão longe após a era de guerras, pobreza e destruição, com uma nova e desagradável realidade: elas ficaram ricas, mas à custa da desigualdade e da insustentabilidade.



²⁴ GDP Growth, Annual (%), 1961–2019, Banco Mundial, <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG>.

²⁵ Fundo Monetário Internacional, New Data on Global Debt, <https://blogs.imf.org/2019/01/02/new-data-on-global-debt/>.

²⁶ Gross debt position, Monitor Fiscal, abril de 2020, Fundo Monetário Internacional, <https://www.imf.org/external/datamapper/datasets/FM>.

²⁷ Global Footprint Network, <https://www.footprintnetwork.org/2019/06/26/press-releasejune-2019-earth-overshoot-day/>.

Suábia no século XXI é, de muitos modos, tão rica quanto já foi, com altos salários, baixo desemprego e muitas atividades de lazer. Os belos centros urbanos de Ravensburg e Friedrichshafen não recordam em nada o estado deplorável em que se encontravam em 1945. Ravensburg ainda dá as boas-vindas a refugiados, mas desta vez as guerras são distantes de casa. Até mesmo o fabricante de jogos de tabuleiro da cidade se adaptou a um mundo de redes de fornecimento globais e de quebra-cabeças afetados por jogos digitais.

Mas o quebra-cabeça que as pessoas dessa região, seus fabricantes de sistemas de transmissão e de jogos, e outros stakeholders sociais aqui e em outras partes do mundo precisam resolver não é fácil. Então, antes de tentarmos resolvê-lo, precisamos listar suas peças. É essa tarefa que assumiremos no próximo capítulo. E para nos guiar, buscaremos a ajuda de um famoso economista.

AMOSTRA

AMOSTRA



A Maldição de Kuznets

Os Problemas da Economia Mundial Hoje

Não poderia ter existido pessoa melhor para montar o quebra-cabeça da economia mundial de hoje que Simon Kuznets, um economista norte-americano nascido na Rússia¹, que morreu em 1985.

Pode parecer estranho à primeira vista que um homem falecido no meio dos anos 1980 fosse tão relevante para os desafios econômicos globais de hoje; mas acredito que as questões que enfrentamos atualmente poderiam não ter se tornado tão problemáticas se tivéssemos prestado atenção nas lições desse economista vencedor do Prêmio Nobel.

De fato, Kuznets avisou há mais de oitenta anos que o produto interno bruto (PIB) era uma ferramenta tosca para a elaboração de políticas econômicas. Ironicamente, ele havia ajudado a introduzir o próprio conceito de PIB alguns anos antes e contribuiu para torná-lo o Santo Graal do desenvolvimento econômico. Ele também avisou que sua própria curva de Kuznets, que mostrava como a desigualdade de renda caía conforme uma economia se desenvolvia, baseava-se em “dados frágeis”,² ou seja, dados de um período relativamente breve do milagre econômico ocidental do pós-guerra, que aconteceu nos anos 1950. Se o período de seu estudo se revelasse uma ano-

¹ Kuznets nasceu em Pinsk, parte do Império Russo na época. Atualmente, Pinsk faz parte da Bielorrússia

² “Political Arithmetic: Simon Kuznets and the Empirical Tradition in Economics”, Capítulo 5: *The Scientific Methods of Simon Kuznets*, Robert William Fogel, Enid M. Fogel, Mark Guglielmo, Nathaniel Grotte, Editora da Universidade de Chicago, p. 105, <https://www.nber.org/system/files/chapters/c12917/c12917.pdf>.

malia, a teoria dessa curva seria refutada. Kuznets também nunca aprovou a ramificação da curva, a chamada curva ambiental de Kuznets, que afirmava que países também veriam uma queda no dano ambiental que eles produziam enquanto chegavam a um determinado estado de desenvolvimento.

Hoje nós vivemos com as consequências de não termos sido mais rigorosos em nossas análises ou de termos sido dogmáticos demais em nossas crenças. O crescimento do PIB tornou-se um objetivo que consome tudo e, ao mesmo tempo, engeiçou. Nossas economias nunca foram tão desenvolvidas, mas a desigualdade raramente já foi pior. E em vez de termos uma queda na poluição ambiental, como poderia se esperar, estamos no meio de uma crise ambiental global.

Essa miríade de crises econômicas que estamos enfrentando pode muito bem ter a ver com a *maldição* de Kuznets. Ela é o último “eu avisei” de um economista muitas vezes mal compreendido e está na raiz do sentimento de traição que as pessoas nutrem em relação a seus líderes. Mas antes de nos aprofundarmos nessa maldição, vamos examinar quem exatamente era Simon Kuznets e descobrir por quais motivos as pessoas se lembram dele.

A Maldição Original de Kuznets: PIB como Medida de Progresso

Simon Smith Kuznets nasceu em Pinsk, uma cidade do Império Russo em 1901, filho de pais judeus.³ Enquanto estudava na escola, mostrou ter talento para a matemática e foi estudar economia e estatística na Universidade de Kharkiv (agora na Ucrânia). Mas apesar de seus resultados acadêmicos promissores, ele não permaneceria em seu país natal depois de chegar à idade adulta. Em 1922, o Exército Vermelho de Vladimir Lênin venceu uma guerra civil de anos de duração na Rússia. Com a União Soviética em construção, Kuznets, como milhares de outros, emigrou para os Estados Unidos. Por lá, obteve primeiro um PhD em economia na Universidade de Columbia e então se uniu ao Bureau Nacional de Pesquisa Econômica (NBER), um think tank econômico respeitado. Foi ali que construiu sua carreira ilustre.

Seu timing foi impecável. Nas décadas após a sua chegada, os Estados Unidos cresceram e se tornaram a principal economia mundial. Kuznets estava lá para ajudar o país a entender a nova posição na qual se encontrava.

³ Uma citação direta da autobiografia de Kuznets para o comitê do Prêmio Nobel. O Prêmio Nobel, “Simon Kuznets Biographical”, 1971, <https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/1971/kuznets/biographical/>.

Ele foi pioneiro no desenvolvimento de conceitos essenciais que dominam a ciência econômica e a elaboração de políticas públicas até os dias de hoje, tais como renda nacional (um precursor do PIB) e crescimento econômico anual, e no meio do caminho se tornou, ele próprio, um dos economistas mais proeminentes do mundo.

A curva de desenvolvimento econômico dos Estados Unidos naqueles anos era turbulenta. Nos anos 1920, o país estava em uma alta econômica; saiu da Primeira Guerra Mundial com tudo. Os Estados Unidos emergiram como um poder político e econômico e firmaram o pé ao lado de um Império Britânico já enfraquecido. A Grã-Bretanha havia dominado o planeta durante a Primeira Revolução Industrial, governando um terço do mundo até 1914. Os Estados Unidos tornaram-se um líder da Segunda Revolução Industrial, que decolou após a Primeira Guerra Mundial. Fabricantes norte-americanos introduziram bens como o carro e o rádio no enorme mercado doméstico do país, vendendo-os para um público faminto por produtos modernos. Com a ajuda de um espírito de comércio livre e princípios capitalistas, uma espiral positiva de investimento, inovação, produção, consumo e comércio garantidos, os Estados Unidos se tornaram o país mais rico do mundo em termos de PIB per capita (por pessoa).

Mas a experiência inebriante dos *Roaring Twenties* (os “Loucos Anos Vinte”) transformou-se na calamitosa Grande Depressão. Em 1929, a economia efervescente havia saído de controle. A desigualdade estava nas alturas, com um punhado de indivíduos, como John D. Rockefeller, controlando quantidades colossais de riqueza e ativos econômicos, enquanto muitos trabalhadores tinham uma existência bem mais precária, dependendo frequentemente de serviços pagos por dia e colheitas agrícolas. Além disso, um mercado de ações crescendo cada vez mais, sem o apoio de uma tendência semelhante na economia real, significava que a especulação financeira atingia um ponto de ebulição. No final de outubro de 1929, ocorreu um colapso colossal do mercado de ações, deflagrando uma reação em cadeia no mundo inteiro. As pessoas negligenciaram suas obrigações, os mercados de crédito secaram, o desemprego decolou, os consumidores pararam de gastar, o protecionismo cresceu e o mundo entrou em uma crise da qual não se recuperaria até depois da Segunda Guerra Mundial.

Enquanto legisladores norte-americanos lutavam para descobrir como conter e acabar com a crise no país, eles não sabiam responder a uma questão fundamental: quão ruim a situação é, realmente? E como saberemos se nossas respostas políticas funcionarão? As métricas econômicas eram